

CAZUZA, DE VIRIATO CORRÊA:

UM *BILDUNGSROMAN* GENUINAMENTE BRASILEIRO

Juliana Pinto de Oliveira Causin Alves (Mestre em Letras pelo CES/JF)

## RESUMO

Este artigo se propõe a analisar o conceito de *Bildungsroman* brasileiro e estabelecer uma relação com a obra em análise, *Cazuza*, de Viriato Corrêa. O *corpus* em pauta menciona temas atuais e reais, tomando a realidade como alicerce para a forma ficcional em que o autor discorre sobre a trajetória educacional do personagem protagonista durante um regime populista em que o papel da educação era imprescindível na formação do cidadão. Ao deixar registrado o envolvimento do personagem que dá nome à obra com o papel do professor na literatura brasileira e com o movimento educacional nutrido pelos ideais do Estado Novo, Corrêa faz uma releitura em tom memorialístico do cenário político do Brasil quando a realidade alimenta a ficção. A idiosincrasia autoral nutre o enredo romanesco, atribuindo à obra o caráter de ficção que oportuniza a leitura hedônica e, ao mesmo tempo, rememora a consciência histórico-educacional no sistema político brasileiro dos anos trinta.

**Palavras-chave:** *Bildungsroman*. Estado Novo. Idiosincrasia.

## ABSTRACT

This article proposes to analyze the concept of Brazilian *Bildungsroman* and to establish a relationship with the work under analysis, **Cazuza**, by Viriato Corrêa. The corpus in question mentions current and real themes, taking reality as a foundation for the fictional form in which the author discusses the educational trajectory of the protagonist character during a populist regime in which the role of education was essential in the formation of the citizen. By registering the involvement of the character who names the work with the role of the teacher in Brazilian literature and with the educational movement nurtured by the ideals of the Estado Novo, Corrêa does a memorialistic re-reading of the Brazilian political scene when reality feeds fiction. The authors' idiosyncrasy nourishes the romanesque plot, attributing to the work the fictional character that facilitates the hedonic reading and, at the same time, recalls the historical-educational consciousness in the Brazilian political system of the thirties.

**Keywords:** *Bildungsroman*. New State. Idiosyncrasy.

## 1. INTRODUÇÃO

O romance **Cazuza**, escrito pela primeira vez, em 1938, por Viriato Corrêa, nascido em Pirapemas, no Maranhão, em 1884 e falecido no Rio de Janeiro, em 1967, constitui o *corpus* literário desta análise. O autor trabalhou como jornalista, romancista e teatrólogo, elegendo-se deputado estadual e, alguns anos depois, deputado federal por seu estado, sendo que, em 1938, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras.

A narrativa em pauta entrelaça a literatura ficcional ao contexto histórico do Estado Novo, no Brasil, o que leva o leitor a se deparar com vivências e com fantasias que oscilam entre o inventado e o vivido.

As instituições educacionais são apresentadas, na obra em análise, nas suas respectivas predisposições, ou seja, desde a escola disciplinadora e punitiva à escola acolhedora e transformadora. No caminho do menino que adentra o mundo das pequenas letras, o espaço também se dilata na obra, da zona rural para a zona urbana, apresentando fatos experimentados em ambos os contextos.

A escola rural, a princípio sonhada pelo pequeno protagonista, apresenta uma conduta pedagógica tão decepcionante a Cazuza que provoca indeléveis impressões na mente do menino, resultando no sentimento de temor desmotivante.

Na caminhada pelo mundo da escola, o personagem passa por estágios que remetem o leitor à uma percepção da educação do jovem, segundo os ideais de formação do indivíduo dotado de valores procedentes do movimento histórico- nacional dos anos trinta.

## 2. BILDUNGSROMAN: ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

O romance em pauta foi escrito em 1938, um ano após a instauração do Estado Novo, no Brasil, em um contexto histórico marcado por rupturas e alianças, em que o sistema educacional mobilizava os alunos em direção aos deveres cívico-nacionais e priorizava a construção de um homem político. Corrêa em sua obra ficcional enriquecida pela realidade

e pelo movimento cultural da época, registra a política, as reformas educacionais e as condições de privação da liberdade, como validado por Maria Aparecida Nogueira Schmitt, ao tratar de realidade e ficção nessa obra:

Publicado pela primeira vez em 1938, o romance **Cazuza** teve como contexto histórico-político a preocupação com a formação do cidadão. Na solidificação do regime de caráter populista do Estado Novo em que era imprescindível o papel da educação formal na constituição do cidadão, Viriato Corrêa cuidou de retratar o ambiente escolar cujos professores apresentavam contrastes metodológicos entre a inovação e a tradição (SCHMITT, 2015, p. 113).

O Estado Novo foi uma fase política de regime autoritário que buscava fortalecer a identidade nacional e em que a educação se tornou “[...] uma das principais dimensões estratégicas para viabilizar o projeto nacionalizador do Estado Novo [...]”, conforme a estudiosa Dulce Pandolfi (1999, p. 13). Em **Cazuza**, pode-se verificar a influência do contexto político-educacional nas ações dos personagens e nos direcionamentos pedagógicos, por entrelaçarem-se história e literatura. Ressalta-se o forte vínculo entre realidade e forma ficcional em um discurso híbrido que oportuniza uma reflexão literária acerca de aspectos que se manifestam no meio social, proporcionando uma releitura crítica do passado.

A instituição educacional retratada, na obra **Cazuza**, como um símbolo de civilização, passa por momentos de transformação e amadurecimento em suas práticas pedagógicas à medida em que Cazuza também trilha o caminho emancipatório, dentro dos padrões sócio-educativos da época. Afligido pelos desmandos de uma escola cuja metodologia educacional se pauta primordialmente em critérios punitivos e ensino rígido, o menino fundamenta sua trajetória em medos e insegurança que chegam a provocar fortes impressões em sua psique.

Os métodos educativos adotados pela primeira escola com que o menino se depara, acabam por promover o crescimento e o potencial de discernimento, ainda que por caminhos pouco convenientes a uma prática pedagógica consciente de seu papel motivador e atraente. Como consequência Cazuza sente forte “[...] vontade de intervir no mundo e capacidade receptiva em relação a ele [...]”, nas palavras de Georg Lukács (2009, p. 141). Neste *corpus* de

análise, apresenta-se em uma “[...] modalidade específica de gênero romanesco, chamada *romance de educação, o (Erziehungsroman ou Bildungsroman)* [...]”, segundo Bakhtin (2011, p. 217, grifo do autor). Busca-se estabelecer uma relação entre a obra ficcional e a teoria literária *Bildungsroman* na categoria do romance educativo cujo relato versa sobre os ideais pedagógicos.

A primeira parte do enredo de **Cazuza**, que se passa no final do século XIX, demonstra os pensamentos educacionais da época e os rígidos processos civilizatórios e disciplinares. O menino Cazuza, algumas vezes, em seu percurso escolar, é punido com palmatória e exposto pelos próprios educadores a situações vexatórias e autoritárias. Tome-se, por exemplo, a passagem do romance que narra os dois suplícios temidos por toda a escola, como colocar o aluno de joelhos sobre grãos no meio da sala ou obrigá-lo a colocar na cabeça enormes orelhas de burro confeccionadas em papelão e fazê-lo andar pelas ruas do povoado. São evidências que retratam a aversão dos professores da época à liberal democracia e à dificuldade de fugir das cobranças da homogeneidade ideológica estadonovista, oportunizando o leitor atual a estabelecer o contraponto com o ideal pedagógico de Paulo Freire (1996, p. 93, grifo do autor) que se preocupa com o combate à opressão e propõe uma educação libertadora, ao ponderar que “[...] a autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos *silenciados*, mas no alvoroço dos *inquietaos*, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.”, sugerindo que os alunos tenham atitudes ativas e questionadoras.

A instauração do modelo ditatorial e todas as modificações ocorridas, inclusive na esfera da educação são reforçadas na seguinte passagem:

Não foi somente na economia que a intervenção estatal getulista se notabilizou. Em certas áreas registram-se, igualmente, mudanças profundas. Este foi o caso da educação. Durante a gestão de Gustavo Capanema - ministro da Educação e da Saúde entre 1934 e 1945, que congrega intelectuais do porte de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Heitor Villa-Lobos -, são planejadas e implementadas importantes alterações, como a ampliação de vagas e a unificação dos conteúdos das disciplinas no ensino secundário e no universitário. Isso para não mencionar a criação do ensino profissionalizante, consubstanciado em

instituições como Senai, Senac e Sesc (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2016, p. 258).

Além da educação, a pobreza e a simplicidade caracterizadas na descrição de Pirapemas, o pequeno povoado nordestino, em que o garoto protagonista reside, no início de sua trajetória escolar, foram fatos representativos no contexto brasileiro da época para o país, partindo do pressuposto de que a ficção de Viriato Corrêa apresenta a valorização do trabalho, na tentativa de justificar as expectativas de vida e a mudança de cidade dos personagens principais de sua obra, como está registrado na passagem abaixo:

O povoado em que eu nasci era um dos lugarejos mais pequenos, mais pobres e mais humildes do mundo. Ficava à margem do Itapicuru, no Maranhão, no alto da ribanceira do rio. Uma ruazinha apenas, com vinte ou trinta casas, algumas palhoças espalhadas pelos arredores e nada mais. Nem igreja, nem farmácia, nem vigário. De civilização, a escola, apenas (CORRÊA, 2004, p. 17).

O narrador, ao fundamentar a mudança da família de Cazuza do pequeno povoado para a Vila do Coroatá, descreve o lugarejo do início da história, como um espaço sem perspectiva para o crescimento pessoal, sem boas escolas nem ofertas de trabalho:

- Por que é que a gente vai para a vila? – insisti.  
Mamãe não respondeu e, como eu de novo fizesse a pergunta, disse, evidentemente a disfarçar:  
- Porque precisas aprender e a escola da vila é melhor do que a daqui.  
E mudou de conversa.  
Nunca pude saber, ao certo, o motivo que levara minha família a deixar o povoado em que meu pai nascera e vira nascer os seus primeiros filhos. Mas não foi somente porque a escola da vila fosse melhor que a da povoação.  
Ao que percebi nesta frase, naquela, naquela outra, a causa da mudança foram os negócios comerciais de meu pai. Os negócios iam mal (CORRÊA, 2004, p. 81-82).

Foi durante o Estado Novo (1937- 1945) que a pobreza começou a ser vista como um problema social e iniciou-se a busca por uma estratégia para combatê-la, centrada na

satisfação das necessidades básicas do homem, entre elas o trabalho e a educação, em que a última se tornava imprescindível para o sucesso da constituição do processo civilizatório.

[...] os conceitos *formação* e *educação* articulavam-se nas últimas décadas do século XVIII, ao ideal de uma sociedade afortunada, isto é, à idéia de que da formação e educação dos indivíduos dependia o bem-estar da sociedade. Decorre daí o reconhecimento de que formação e educação são tarefas obrigatórias do Estado, bem como objetos de seu interesse [...] Assim, nas últimas décadas do século XVIII, o conceito de formação encontra-se intimamente ligado à articulação da sociedade em classes. Em nome da funcionalidade social, cada cidadão deveria receber a formação que o habilitasse da melhor maneira para o desempenho de sua função junto à coletividade. Uma vez entendidas a educação e formação como obrigação e interesse do Estado, abre-se campo para a concepção de um projeto de 'educação nacional', destinado a fortalecer a consciência de nacionalidade e a preparar cidadãos para o serviço do Estado (MAAS, 2000, p. 31-32, grifo do autor).

Algumas dessas propostas atuais de reforma apresentam, ainda hoje, relação com a política trabalhista de Getúlio Vargas em seu primeiro governo, que iniciou em 1930 e foi extinto em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial em que o Brasil estava envolvido e em que os brasileiros lutaram pela democracia, não havendo mais justificativa para se manter sob a ditadura, como afirma Pandolfi:

[...] a partir de 1942 teve início o processo de desarticulação do Estado Novo. Certamente o envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial, aliando-se por razões de ordem econômica aos Estados Unidos e rompendo com a Alemanha nazista, contribuiu para o enfraquecimento do regime. Como justificar a manutenção da ditadura, se soldados brasileiros lutavam na Europa em prol da democracia? Em novembro de 1945, Getúlio foi deposto da presidência da República. Extinto, o Estado Novo deixava uma forte herança histórica e matéria-prima para pesquisa e reflexão nas décadas seguintes (PANDOLFI, 1999, p. 11).

Em *Cazuza*, pode-se depreender a preocupação autoral em envolver o leitor com o contexto educacional da época e em atingi-lo com denúncias de contrastes metodológicos na fase em que a criança inicia seu amadurecimento e tem suas dúvidas e interesses desconsiderados por aqueles que se dizem educadores e que punem por qualquer motivo, ou

mesmo sem qualquer motivo: “essa percepção didático-pedagógica é amplamente presente em *Cazuza* como uma forma de depoimento e de alerta do escritor centrado no contexto político-educacional do país à época da publicação da obra”, segundo Schmitt (2015, p. 119).

A trajetória do personagem protagonista no meio educacional, perpassando pela fase dos anos 30 no Brasil, em que o espaço se dilata da zona rural para a zona urbana, estabelece uma aproximação com o conceito de *Bildungsroman* que, embora tenha se originado do contexto sócio-histórico da Alemanha, em um processo de aperfeiçoamento do indivíduo, atribui caráter nacional à literatura para legitimar os ideais burgueses alemães, fundamentados no espírito iluminista, visando a uma nova formação cidadã. Apesar de alguns aspectos negativos, a implantação de padrões europeus em um ambiente heterogêneo também foi benéfica, partindo do pressuposto de que sem a transplantação desses padrões impostos, talvez não fosse possível uma forma de expressão comum, sendo “[...] a adaptação dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições físicas e sociais do Novo Mundo, por intermédio do processo colonizador [...]”, o aspecto mais interessante da literatura nos países americanos, segundo Antonio Candido (2003, p. 164).

Nessa mesma perspectiva, Roberto Schwarz (2000, p. 35) pondera que “o romance existiu no Brasil, antes de haver romancistas brasileiros. Quando apareceram, foi natural que estes seguissem os modelos, bons e ruins, que a Europa já havia estabelecido em nossos hábitos de leitura [...]”.

Faz-se necessário a definição do conceito de *Bildungsroman* para uma melhor compreensão do percurso do menino *Cazuza* e a associação da obra à teoria do romance de formação e seus valores sociais peculiarmente brasileiros. Sob a ótica de Patrícia Wilma Maas:

*‘Bildungsroman’*: ‘*novel of self-cultivation*’, ‘*roman des enfances*’, romance de formação. As traduções, em sua maior parte aproximativas, procuram resguardar o sentido de uma forma narrativa considerada pela historiografia como um fenômeno ‘tipicamente alemão’. No Brasil, tem a preferência o termo original, incorporado ao léxico literário brasileiro conforme Massaud Moisés, em seu *Dicionário de termos literários*, de 1978. A primeira manifestação do termo *Bildungsroman* data possivelmente de 1810, ano em que o professor de filologia clássica Karl Morgenstern emprega o termo pela primeira vez em uma conferência na Universidade

de Dorpat. A definição inaugural de *Bildungsroman* por Morgenster entende sob o termo aquela forma de romance que ‘representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade’. Uma tal representação deverá promover também ‘a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance’ (MAAS, 2000, p. 19, grifo do autor).

De acordo com as supracitadas definições de *Bildungsroman*, como processo de amadurecimento, atravessando conflitos e imposições sociais, Mikhail Bakhtin, discorre em sua obra sobre a importância deste tipo de romance que não possui natureza substancialmente biográfica ou autobiográfica:

[...] existe outro tipo de romance incomparavelmente mais raro, que produz a imagem do homem em formação. Em contraposição à unidade estatística, aqui se fornece a unidade dinâmica da imagem da personagem. O próprio herói e seu caráter se tornam uma *grandeza variável* na fórmula desse romance. A mudança do próprio herói ganha *significado de enredo* e em face disso reassimila-se na raiz e reconstrói todo o enredo do romance. O tempo se interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando substancialmente o significado de todos os momentos do seu destino e da sua vida. Esse tipo de romance pode ser designado no sentido mais amplo como *romance de formação do homem* (BAKHTIN, 2011, p. 219-220, grifo do autor).

Embora o *Bildungsroman* tenha suas raízes na Alemanha, como já ventilado anteriormente neste estudo, o termo vem se expandindo para além das fronteiras literárias europeias. A definição do vocábulo compõe o Dicionário de termos literários de Massaud Moisés:

*Bildungsroman* – Alemão *Bildung*, formação, *Roman*, romance. Francês: *roman de formation*. Português: romance de formação. Também se pode empregar, como sinônimo, o termo alemão *Erziehungsroman* (*Erziehung*, educação, *Roman*, romance).

Modalidade de romance tipicamente alemã, gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou educação, rumo da maturidade. Considera-se o pioneiro nessa matéria o *Agathon* (1766), de *Wieland*, e o ponto mais alto o *Wilhelm Meister* (1795-1796), de Goethe. No fio da tradição germânica, outros ficcionistas cultivaram o

[166] GARRAFA. Vol. 17, n. 48, Junho 2019.1. “Cazuza, de Viriato Corrêa: um *bildungsroman*...”, p. 158 - 175. ISSN

tema: Tieck, Novalis, Jean Paul, Eichendorf, Keller, Stifter, Raabe, Hermann Hesse. Em língua inglesa, citam-se: Charlotte Brontë, Charles Dickens, Samuel Butler, Somerset Maugham. Em francês: Romain Rolland.

Em vernáculo, podem-se considerar romances de formação, até certo ponto, os seguintes: O *Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, *Amar, verbo intransitivo* (1927), de Mário de Andrade, os romances do ‘ciclo do açúcar’ (1933-1937), de José Lins do Rego, *Mundos Mortos* (1937), de Otávio de Faria, *Fanga* (1942), de Alves Redol, *Manhã submersa*, de Vergílio Ferreira, o ciclo *A velha casa* (1945-1966), de José Régio (MOISÉS, 1978, p. 64, grifo do autor).

Ao elucidar o conceito de *Bildungsroman*, já nas primeiras aproximações realizadas entre o pedagógico e o literário, percebem-se relevantes projeções no campo educacional a partir da formação do protagonista em sua trajetória escolar. Todo o processo de formação e transformação do menino Cazuzo, estabelece uma relação com a teoria do romance de formação, nesse caso específico, sob um olhar pedagógico, focalizando a educação formal e institucionalizada. Essa evolução do personagem é confirmada neste trecho da obra ao fim da narrativa quando Julinho em um passeio de despedida da cidade, disse ao menino Cazuzo: “Que idéia! Não sei como você não quer uma mamadeira! Você não é mais criança. Terminou hoje o curso primário. Já é, portanto, um homenzinho [...]” (CORRÊA, 2004, p. 229). Essa passagem evidencia o caminho educacional enveredado pelo garoto, até alcançar determinado grau de maturidade.

[...] O processo de amadurecimento é longo, difícil e gradual: há conflitos entre as necessidades (desejos) do herói e as visões (julgamentos) impostas por uma ordem social inflexível. Na análise de um *Bildungsroman*, o ponto de partida é a ideia do romance do herói individual em um processo de transformação [...] (GALBIATI, 2011, p. 1717- 1718).

O *Bildungsroman*, no *corpus Cazuzo*, apresenta a formação do protagonista, segundo os acontecimentos culturais, políticos e sociais da época, no Brasil, em um momento histórico muito particular, o da fase de transição política e econômica em que o governo projetava uma nova construção de identidade nacional, assim como um caráter literário específico da tradição romanesca que se preocupava com a educação. Desta forma, o conceito de romance

de formação está diretamente ligado ao percurso do menino Cazuzo, que, durante a obra, cresce e educa-se em busca de transformação, amadurecimento e integração social com um princípio organizacional puramente pedagógico:

Na tessitura romanesca de Cazuzo, a preocupação com a formação do aluno de escola, conforme já foi ventilado nesse estudo, evidencia-se com mais veemência quando o personagem central rumo ao respectivo crescimento intelectual, ético e moral (SCHMITT, 2015, p. 118).

A segunda parte da obra, que dá continuidade ao percurso educacional de Cazuzo, é marcada por uma instituição escolar cuja formação docente foi capaz de superar a insegurança implantada no coração do menino em sua antiga escola, punitiva e violenta, a de Pirapemas, de onde se mudou. Nessa outra etapa estudantil, as novas educadoras do grupo escolar, então de uma vila, conseguiram, com toda afetividade, principalmente por meio do exemplo e estímulo, promover o gosto e o prazer pelo aprendizado, neutralizando os efeitos nocivos da primeira experiência escolar.

O restabelecimento de relações do indivíduo, conferida pelo tema, que encontrou dificuldades e sofreu decepções em seus primeiros anos escolares, guiado pelo contexto social em que se inseria e pela realidade, torna-se de fundamental importância para o entendimento do tipo de romance em pauta, no qual o homem e suas ações são condicionadas pela “[...] necessidade formal de que a reconciliação entre interioridade e mundo seja problemática mas possível; de que ela tenha de ser buscada em penosas lutas e descaminhos, mas possa, no entanto, ser encontrada [...]” (LUKÁCS, 2009, p. 138).

Dessa forma, as etapas do meio educacional em que transita o protagonista do romance, vão se ampliando e se transformando de acordo com o espaço-tempo e a imagem do menino, daí o retrato do homem em formação.

A terceira e última parte do livro continua a acompanhar o processo de escolarização de Cazuzo que sai do povoado para a vila e mais tarde para a capital do Maranhão, São Luís, para estudar em um colégio de internato, o Timbira, mais moderno e com professores de diferentes perfis.

No começo, tive dificuldade em fixar os professores na memória e, mais de uma vez, os confundi com inspetores, vigilantes e contínuos. É que eles eram muitos e revezavam-se constantemente: alguns do curso secundário, de quando em quando, vinham dar aulas a nós do primário; alguns do primário sumiam-se, passando semanas inteiras nos salões do secundário. Havia-os de todos os feitios; os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam ensinar senão com berros (CORRÊA, 2004, p. 170).

Essa última parte do romance é marcada pela alegria de novas descobertas, mas também pelo afastamento de Cazuza de sua casa paterna e pela vontade humana de não apenas contemplar, mas colocar-se ativamente frente à realidade do mundo, superando a solidão da alma, num processo educativo.

A saída de casa do protagonista, ainda jovem, confere à estrutura do *Bildungsroman* uma característica central e recorrente nos romances deste gênero literário na busca de amadurecimento e libertação da fase infantil.

O término da obra, repleta de histórias de grandes valores nacionais e patrióticos, narradas e contextualizadas por Corrêa, coincide com a formação do personagem principal e sua conduta ética, concluindo-se a fase infantil e um ciclo escolar, ao final do curso primário, o que caracteriza a quarta tipologia de romance de formação dentre as cinco propostas por Bakhtin:

O quarto tipo de romance de formação é o romance didático-pedagógico. Ele se baseia em uma determinada idéia pedagógica, concebida com maior ou menor amplitude. Aqui se representa o processo pedagógico da educação no próprio sentido do termo. O tipo puro engloba obras como *Ciropédia* de Xenofone, *Telêmaco* de Féncion, *Emílio* de Rousseau. No entanto, elementos desse tipo se encontram também em outras modalidades de romance de formação, inclusive em Goethe, em Rabelais (BAKHTIN, 2011, p. 221, grifo do autor).

Diferentemente dos demais tipos de romance, o *Bildungsroman* aproxima o personagem ficcional do homem real que, sem forças extraordinárias ou superiores à média humana, busca simplesmente sua realização pessoal e sua inserção na sociedade, além da

formação do caráter. Ainda sobre o processo de formação, o aperfeiçoamento do indivíduo e o termo *Bildungsroman* na literatura brasileira, Morgenstern (1988 apud Maas, 2000) assevera que tal forma de romance:

[...] poderá ser chamada de *Bildungsroman*, sobretudo devido a seu conteúdo, porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade; em segundo lugar, também porque ela promove a formação do leitor através dessa representação, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance (MORGENSTERN, 1988 apud MAAS, 2000, p. 46, grifo do autor).

Morgenstern considera a obra de Goethe, **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, um modelo ideal do *Bildungsroman*, em que a realização dos ideais além de servir como parâmetro para julgamento das diversas classes, é também a força propulsora e o critério da ação de todo o romance. Esta afirmação se torna ainda mais enfática quando se é analisado o modo de abordagem ao processo de apropriação do gênero romanesco analisado por Lukács:

Contra essa dissolução da realidade em sonhos, em representações ou ideais puramente subjetivos, é que se dirige a luta do humanista Goethe. Também ele, como todo grande escritor de romances, se propõe como tema principal a luta dos ideais com a realidade, sua impregnação na realidade. Vimos que o ponto de transição decisivo para a educação de Wilhelm Meister consiste precisamente em que ele renuncia a sua atitude puramente interior, puramente subjetiva, para com a realidade, e chegue à compreensão da realidade objetiva, à atividade na realidade tal como ela é. Os Anos de aprendizagem de Wilhelm Meister é um romance de educação: seu conteúdo é a educação dos homens para a compreensão prática da realidade (LUKÁCS, 1994, p. 604).

Consolida-se, assim, a aproximação de **Cazuza** a essa forma literária definida a partir de uma trajetória de construção e formação da personalidade. No cerne do romance está a história de vida do protagonista que no percorrer da obra, busca seu lugar no mundo,

perpassando por decepções e enganos, apontando as características do *Bildungsroman*, considerada por Jacobs (1989 apud MAAS, 2000):

[...]o protagonista deve ter uma consciência *mais* ou *menos* explícita de que ele próprio percorre não uma sequência mais ou menos aleatória de aventuras, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo;

. a imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento;

. além disso, o protagonista tem como experiências típicas a separação em relação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiências intelectuais eróticas [sic], experiência em um campo profissional e eventualmente também contato com a vida pública, política (JACOBS, 1989 apud MAAS, 2000, p. 62).

Embora a ação de cada personagem na obra viriatiana se desenrole na trama, de acordo com suas conveniências, ou de acordo com sua cultura, como acontece em alguns dos romances, o autor entrelaça as ações de todos os personagens em uma estreita relação com a realização humanista e com o centro do romance que se configura a partir do desenvolvimento do personagem principal.

Os intelectuais brasileiros, durante a fase do Estado Novo, direcionaram seus projetos para o âmbito estadual a fim de educar a sociedade de acordo com a ideologia estadonovista. Sempre presentes nos grandes momentos históricos do país, também compuseram o cenário político, guiados pela ideia de construção de um temário nacionalista como um incremento à tendência sentimentalista evidenciada pelo amor à terra. Candido elucida que esta característica é própria do brasileiro e, por isso, considerada de caráter nacional e inseparável do patriotismo:

Os românticos fundiram a tradição humanista na expressão patriótica e forneceram deste modo à sociedade do novo Brasil um temário nacionalista e sentimental, adequado às suas necessidades de autovalorização. De tal forma que ele transbordou imediatamente dos livros e operou independentemente deles – na canção, no discurso, na citação, na anedota, nas artes plásticas, na onomástica, propiciando a

formação de um público incalculável e constituindo possivelmente o maior complexo de influência literária junto ao público que já houve entre nós (CANDIDO, 2000, p. 74-75).

Dentre os projetos dessa nova ordem que busca uma educação da sociedade de acordo com suas ideologias, estão os projetos educativos e culturais que passam a “[...] evidenciar a relação entre propaganda política e educação no Estado Novo [...]”, conforme Mônica Pimenta Velloso (1987, p. 4).

Toda esta questão acerca do nacionalismo e da busca por uma melhoria da educação funciona como um elemento de integração dos intelectuais incumbidos da missão de representar a consciência nacional. Acredita-se ser relevante destacar que Corrêa nasceu no mesmo pequeno povoado do Maranhão em que Cazusa se insere como ser ficcional. O autor também concluiu seus estudos primários e secundários na capital, São Luís, e, ao criar seu personagem, atribuiu a ele características regionais, espelhando-se nas singularidades nacionais brasileiras e em seu próprio aprendizado. O autor emprega idiossincriticamente sua vivência educacional como matéria-prima para a arquitetura textual do romance, inserindo na trama narrativa fatos embasados em sua vivência estudantil.

O escritor registra em sua obra uma forte relação com o cidadão em uma sociedade que visa à modernização, mantendo, porém, o equilíbrio entre o campo, no resgate da tradição e a cidade, de acordo com o ideal da modernidade. Ressalta, ainda, as características de ambos os espaços delineando, em sua narrativa contínua, a fase que compreende desde a infância do protagonista até sua puberdade.

O protagonista, no percurso da trama, encontra-se em constante busca por autorrealização e formação histórica no mundo que se inicia em sua infância e acompanha toda a sua juventude sob uma perspectiva genuinamente brasileira, uma vez que o autor registra, na ficção pensamentos, linguagens, crenças e costumes nordestinos.

O discurso viriatiano reflete na estrutura composicional da narrativa a assimilação ao movimento real brasileiro da época, com o cuidado e a preocupação de evidenciar a cultura e as riquezas nordestinas que são apresentadas transitoriamente da zona interiorana para a cidade capital do Maranhão. A escolarização de Cazusa, que também percorre esse caminho,

é apresentada como um rito de passagem em seu processo educativo e em sua maturidade almejada no início da obra e alcançada ao fim de seu ciclo escolar concomitantemente, configurando, dessa forma, o *Bildungsroman*.

Outras características que aproximam **Cazuza** do romance de formação, diz respeito ao fato de o personagem protagonista ter seu ponto de partida na escola onde se inicia seu processo de formação como membro de um determinado grupo social. Cazuza, um menino de escola, cuja jornada de desenvolvimento de personalidade começa na infância e tem todo seu processo de formação inserido no tempo histórico em que a obra foi publicada, alcança sua integração na sociedade após uma conturbada relação entre indivíduo e contexto político-educacional.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorrentes das reflexões sobre os caminhos por onde transitam evidências de amadurecimento do personagem – protagonista, de Viriato Corrêa, verificou-se, neste estudo, características apresentadas que revelam um protagonista em busca da efetivação de um equilíbrio em sua trajetória que se dá início ainda muito jovem e que o leva a um aperfeiçoamento, ao longo da história. Essas transformações são fundamentais para o entendimento do gênero literário desenvolvido por Corrêa, estabelecendo relação entre a formação de Cazuza e os ideais pedagógicos discutidos e alterados simultaneamente com suas mudanças geográficas.

Corrêa atribui caráter nacional ao romance de formação muito bem definidas, ainda que um pouco distante do eurocentrismo impregnado neste tipo de gênero narrativo. Legítima, assim, a cultura e ideais brasileiros, ao findar suas páginas com a reconciliação do homem problemático e a realidade concreta e social em um estágio de maturidade do personagem em nova fase: “–Este é o Cazuza! Ele não é mais criança. Agora é um homenzinho!” Corrêa (2004, p. 229). No monólogo o personagem fala consigo próprio, convencido de seu desenvolvimento e amadurecimento durante o período de estada na capital e durante sua trajetória escolar.

Com estilo muito próprio, o escritor maranhense transforma a vida do menino nordestino em matéria-prima da sua criação narrativa e transmite uma inquietação na busca de um mundo mais justo e igualitário, valorizando os temas regionais de um Brasil unido em suas diversidades, desvencilhando-se dos cânones europeus na busca da identidade de seu próprio povo.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 205-258.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2003, p.163-180. (Série Temas).

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. 8. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GALBIATI, Maria Alessandra. **(Trans) formação e representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo**. 2001.12 f. Trabalho de projeto de doutorado. UNESP, São Paulo, 2011.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009. p. 138-150. (Coleção Espírito Crítico).

\_\_\_\_\_. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. In: GOETHE, Joham Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ensaio, 1994. p. 593-613.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

SCHMITT, Maria Aparecida Nogueira. Cazuza: Realidade e ficção no jogo de espelho textual. In: SILVA, Rodrigo Fialho (Org.). **Do texto ao contexto: história, literatura e educação**. Barbacena, MG: EdUEMG, 2015. p. 113-126.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2000. p. 1- 94. (Coleção espírito crítico).

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.